2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 16. QUINTA FEIRA, 26 DE DEZEMBRO DE 1850. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

INTRODUCÇÃO DO GADO MERINO EM PORTUGAL.

192 É antiga e conhecida a historia da alta importancia da raça dos carneiros chamados *merinos*. Entre a França e a Hispanha chegaram a figurar nas relações diplomaticas. Em Portugal, nem sequer consta o valioso serviço que um dos benemeritos fabricantes do paiz tem feito á lavoira e á industria, com referencia a tão momentoso assumpto.

Temos sempre manifestado a idéa de que a nossa agricultura não é especial só de um genero, que não convém que o seja — que o não deve ser; e nem a mais refinada má fé será capaz de nos accusar do contrario, senão por meio de alguma perfida allusão de cortesão supplicante nas recamaras dos ministros, e de accusador tribuno da praça, depois de receber o favor do peditorio. Temos a mão no véu, tomem conta em que elle se não rasgue.

A extensão da nossa producção vinicola, sendo considerada nas proporções que são convenientes para o credito do nosso genero, e sua extracção nos mercados, interno e externo, e o incremento da cultura dos cereaes, até ao ponto de satisfazer não só a procura do genero no paiz, mas a sua exportação, deixam ainda muito campo livre para outras variadas e uteis culturas, e mormente para o desenvolvimento das pastagens, base das tão preciosas e valiosas creações de gado.

Os gados são um dos pontos da nossa economia agricola, que mais se resente da falta dos auxiliares, que em outros paizes tem levado a agricultura a um estado de prosperidade admiravel. A instrucção publica, pelo ramo especial da veterinaria, presta á conservação e tratamento dos gados um soccorro indispensavel: por este motivo tantas vezes temos instado pela reforma da nossa eschóla veterinaria. — As associações agricolas distribuindo premios — confeccionando instrucções praticas e populares para a creação dos gados, são tambem um dos mais poderosos meios de aproveitar essa importante parte dos valores agricolas. É na falta lamentavel destes dois meios, que a imprensa cumpre um dever imperioso, para quem só com zelo e vontade propria, sem nenhum premio nem louvor, arrisca a sua fortuna, para prestar ao seu paiz um desses serviços que não ficam archivados sómente em portarias, ou decretos; mas que se gravam para sempre na memoria dos povos.

Na industria da lã tocam-se as duas fórmulas do trabalho nacional, representadas pela industria agricola e pela industria fabril. Coube aos Srs. Valerio Gomes Corrêa e Irmão, o provarem mais uma vez esta verdade, com a introducção de gado merino em Portugal.

Ao Sr. Valerio Gomes deve a Covilhã o seu estado florescente, por nós mais de uma vez mencionado; a sua intelligencia, o seu caracter emprehendedor, e activo gruparam todos os interesses fabrís dessa villa em volta de um só ponto. Pondo, por hoje, de parte estes serviços fabris, devemos prestar a maior homenagem de louvor ao vantajoso serviço agricola, que o Sr. Valerio tem feito com a introducção do gado merino.

Em 1845 mandaram os Srs. Gomes e Irmão, vir de Hispanha 200 ovelhas merinas, as quaes pastam na quinta que os Srs. Gomes possuem

denominada do Rio Zezere, em frente da Covilhã. O resultado desta primeira tentativa foi satisfatorio; as creações foram boas — e o córte da lã provou que era tão perfeita como a primitiva cortada em Hispanha.

Os Srs. Gomes, animados com tão felizes experiencias, resolveram-se, em 1848, a substituir todo o seu gado por gado merino, e assim o tem feito, servindo sempre os carneiros novamente vindos de Hispanha, para paes de rebanho. E por este meio tem conservado a pureza da raça merina, e ao presente já contam na sua referida quinta perto de duas mil cabeças deste gado.

Consta-nos, que para ainda darem mais incremento a esta importantissima creação, mandaram ha pouco buscar, ás terras de Salamanca, mais 200 cabeças da melhor e mais acreditada raça merina, incluindo nesta conta 40 carneiros paes.

O estado prospero, que temos referido, da introducção da raça merina, tem sido alcançado á custa de avultados desembolsos, que se não devem esquecer, mormente attendendo ao muito capital que a industria, propriamente fabril, dos Srs. Gomes tambem exige. A tal respeito estamos informados — de que o gado merino custa por cabeça 2$640 as ovelhas e 3$840 os carneiros. Além da despesa do custo, são avultadissimas as da introducção em Portugal, e o direito prohibitivo que os taxa na sahida, os converte em um contrabando de grande risco.

Se o continente do reino tivesse já uma Sociedade Agricola, tão bem organisada como a que possue a Ilha de S. Miguel, o Sr. Gomes teria já recebido um publico testimunho de grande consideração, porque, pelos seus serviços não só fabrís, mas, neste ponto, essencialmente agricolas, muitos louvores merece de todo o paiz.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

TRABALHOS PARA A EXPOSIÇÃO DE LONDRES.

193 O resultado dos trabalhos para a Exposição dos productos da industria nacional, na Exposição de Londres, não depende só da Commissão que para esse fim foi nomeada. A Commissão sendo obrigada a delegar parte da sua missão, com referencia ás differentes Provincias do reino, julgou, como se prova pelo seu segundo aviso, que devia conferir essa parte das suas attribuições aos Srs. Governadores Civis e ás pessoas mais competentes do districto, de que este magistrado se cercasse, para tão importante assumpto.

Por este modo, estas Commissões parciaes presididas pelo primeiro magistrado de cada districto, representam o mesmo pensamento que tem de realisar a Commissão, a que preside o Sr. Presidente do Conselho de Ministros. Em uma e nas outras, a auctoridade não exerce uma attribuição que obriga; mas promove a realisação de um facto que a honra, e, que o paiz tem direito a exigir. Por tanto a auctoridade não manda, — estuda, examina e pede.

Já nos consta com satisfação que o Sr. Governador Civil do Porto, e o Sr. Governador Civil de Evora poseram perfeitamente em pratica estas idéas, que não podem deixar de ser seguidas pelos outros seus illustres collegas, porque sabemos que foi esse o pensamento que lhes manifestou a Commissão, quando se lhes dirigiu, e porque tambem á mesma Commissão constou que nesse sentido o Governo lhes deu as suas instrucções: e para prova de que esses meios são os proveitosos para aqui, citamos o que, ácerca do Porto, nos diz o *Nacional*, chegado pelo correio de hoje, em relação ao Sr. Lopes de Vasconcellos.

« Já dissemos em outra occasião que o Sr. Governador Civil convidára alguns fabricantes para que mandassem alguns dos seus productos á Exposição, e agora sabemos que na 3.ª feira á noite quatro dos nossos principaes fabricantes de sedas, os Srs. Raymundo Joaquim Martins, Manuel Custodio Moreira, Joaquim José da Silva e José Barbosa estiveram com S. Ex.ª, que os tratou com a maior deferencia.

« A conversa que teve com estes nossos artistas versou, quasi exclusivamente, sobre a Exposição de Londres, e o grande interesse que todos deviamos ter em figurar alli com o nosso contingente.

« Mas a isto oppunha-se a escacez do tempo que se lhes concedia. O Sr. Lopes de Vasconcellos não quiz ouvir essas desculpas — pediu e sollicitou com tal empenho e com tão bons modos — que todos prometteram enviar alguma coisa.

« A imparcialidade com que sempre julgamos os homens e as coisas não nos permitte, que deixemos passar esta occasião sem louvar o proceder do Sr. Lopes de Vasconcellos, que nestes convites tem-se havido com cavalheirismo. »

A Commissão, no districto de Lisboa, julgou dever dar o exemplo do que havia exposto, sobre o modo de desempenhar a sua missão, e dividida em secções, tem visitado os estabelecimentos fabris, e os depositos de generos agricolas, e as officinas de grande e pequena industria de que teve conhecimento: e nestas investigações muito se tem aprendido em relação ao estado da nossa industria e aos auxilios directos de que alguns dos seus ramos carece. Parece-nos conveniente mencionar este facto, para que nas Provincias se comprehenda que não é o producto das grandes industrias o que unicamente se pede de Lisboa, pois que muito se deseja uma serie, a mais completa possivel, dos productos que a cada uma são mais peculiares. Não é por tanto officialmente e só por meio de correspondencias, que os resultados desejados se podem alcançar, pois que é mister convidar, persuadir e finalmente promover que em Londres se conheça o que o nosso solo produz, e os valores que o nosso trabalho já sabe crear.

Escrevemos estas simples observações com o desejo de que seja bem comprehendido o modo como intendemos, que a auctoridade administrativa tem de entrar em tão importante assumpto; esperando que os habitantes das nossas provincias correspondam ao que por tal modo lhes é pedido.

ESCHÓLAS DE INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

194 Todos sentem que um paiz não póde ser livre, nem desenvolver-se, quer intellectual, quer industrialmente, sem instrucção popular. Não ha sacrificios que uma nação não deva fazer para obter que a instrucção se derrame por todas as classes; porque todos os sacrificios são amplamente recompensados pelo proveito moral, e até augmento de riqueza publica, que da instrucção e educação popular necessariamente se colhem.

Quasi nada tem feito os governos em Portugal para organisar este importantissimo ramo da administração publica: e os inconvenientes de tão imperdoavel desleixo são hoje patentes a todos os que se interessam pela felicidade de Portugal. — E que motivos terá havido para até agora se não haver tratado sériamente de fomentar e desenvolver a instrucção popular? O motivo que officialmente se dá como desculpa de tão imperdoavel erro, é a falta de recursos pecuniarios: o motivo verdadeiro, mas que se não póde dar, é a falta de saber, de vontade, de interesse pelo bem publico. Este ultimo impedimento aos progressos da instrucção não sabemos, ou não queremos dizer aqui, o modo porque se póde combater e destruir: a primeira, porém, julgamol-a á vista das experiencias feitas n'alguns condados de Inglaterra, de muito menor ponderação do que geralmente se julga.

A organisação das eschólas ha poucos annos estabelecidas, pela primeira vez em Cornwall, e pouco depois no condado de Sussex, (a que os inglezes dão o nome de *selfish suporting shools)*, é por tal modo simples, facil de conceber e copiar, util, e barato, que nos parece ser possivel em Portugal crear um consideravel numero de estabelecimentos de instrucção popular desta natureza, quasi sem sacrificio algum dos contribuintes, se as camaras municipaes quizessem tomar a peito o verdadeiro interesse dos seus constituintes, mesmo sem o auxilio do poder central.

As eschólas a que nos referimos sustentam-se por si: feitas as primeiras despezas, e estabelecidas as escholas não se carece de novos gastos para as conservar e desenvolver, porque em si mesmo acham ellas os recursos de que precisam. Para se montar uma eschóla desta apenas em Inglaterra são necessarias 40 libras.

Quando se quer formar uma destas eschólas, escolhe-se um tracto de boa terra, que se dá ao mestre, com uma caza annexa edificada com os commodos e proporções convenientes para servir de eschola. O mestre, além da caza e da terra porque é obrigado a pagar uma modica renda, recebe as sementes de que carece para a cultura do primeiro anno, duas vaccas, e algum dinheiro para se sustentar, em quanto não começa a colher os fructos da sua fazenda. Obrigado a receber e ensinar na sua aula os rapazes pobres da freguezia ou freguezias, que o dotaram, o mestre tem direito de empregar nos trabalhos da sua pequena exploração agricola, os rapazes que ensina. Para melhor se perceber a organisação das novas escholas inglezas daremos aqui em resumo a descripção da eschóla de Willingdon.

A eschóla de Willingdon consta de uma caza, com lojas e primeiro andar; nas lojas ha o curral, a cosinha, a caza para a fabricação dos queijos, uma pocilga, um tanque de ferro para agua; no primeiro andar ha uma caza grande que serve de aula, tres quartos de cama, e um celeiro. Em roda da caza estende-se uma pequena porção de terra, que é cultivada pelo mestre da parochia, e de que elle tira meios de subsistencia para si e para a sua familia.

De manhã, das nove horas até ao meio dia, os rapazes recebem lições de lêr, escrever, contar, cathecismo, e doutrina: de tarde, das duas até ás cinco horas, o mestre acompanhado e ajudado pelos seus discipulos trabalha no amanho da sua fazenda. Por este modo recebe o mestre a paga do seu trabalho, nos serviços que os discipulos lhe prestam, e os filhos dos cultivadores, ao mesmo tempo que adquirem a instrucção de que carecem os individuos destinados aos trabalhos do campo, habituam-se a cultivar, a tratar do gado, a regar etc., debaixo da direcção de um homem intelligente, e que tem interesse, em tirar da terra o maior lucro possivel.

A organisação destas eschólas, como claramente se vê do que fica dito, é muito conveniente para um paiz essencialmente agricola como o nosso. Nestas eschólas não só pode dar-se ás creanças a conveniente instrucção elementar, senão tambem as primeiras noções praticas de agricultura, horticultura, etc.

Mui benefica influencia teriam tambem nos progressos da nossa agricultura estes pequenos estabelecimen-

tos ruraes, se os individuos que os dirigissem, mais illustrados do que em geral o são os simples lavradores, pouco a pouco introduzissem na sua fazenda os melhoramentos que a experiencia fosse indicando, como mais proveitosos na pequena cultura.

Lembramos aqui ás pessoas beneficentes que desejam a felicidade de Portugal, que reconhecem a utilidade da instrucção popular, e simpathisam com a infancia desvalida, que reunam os seus esforços, e se associem com o fim de crear algumas eschólas pelo systema das *self-supporting schools*, inglezas. Seria esta uma proveitosa empresa, cuja utilidade ninguem poria em duvida, e que asseguraria ás pessoas que nella se interessassem a estima popular e o honroso reconhecimento das gerações futuras.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

ANALYSE DO AR TOMADO NA SUPERFICIE DO MAR.

195 Um chimico distincto, M. Lewy, tem-se dedicado, ha annos, á analyse do ar, empregando em suas investigações methodos que parece reunirem todas as condições de exactidão, que é possivel esperar dos meios que tem hoje a sciencia á sua disposição.

Remetteu agora de Santa Fé de Bogotá um resumo de suas observações, appresentando resultados que se afastam dos obtidos até agora no que respeita ás proporções do acido carbonico. Achou em Agosto e Setembro até 47 partes deste acido por dez mil partes de ar; ao passo que nos mezes de Março, Abril, Maio, Junho e Julho, a quantidade de acido carbonico nunca foi superior a 3 e 4 por mil particulas de ar.

Durante o trajecto da Europa ao Perú, Mr. Lewy procurou comparar a proporção de oxygenio e de acido carbonico contido no ar tomado na superficie do mar durante o dia, e durante a noite; e achou constantemente que o recolhido no decurso do dia continha maior quantidade de oxygenio e de acido carbonico, sendo uma circumstancia digna de attenção que estas differenças são mais pronunciadas em tempo claro do que no ruim tempo.

Mr. Lewy explica o phenomeno da mais forte proporção de oxygenio durante o dia, admittindo que o sol tendo aquecido a superficie do mar promove o desenvolvimento do ar que está em dissolução com a agua, e que é mais rico em oxygenio do que o da atmosphera.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

A LITTERATURA.

XI

196 Irei proseguindo na encetada tarefa, que tomei sobre meus hombros; se bem que os penosos cuidados desta amargurada vida publica, em que tenho consumido, e vou consumindo a melhor quadra da minha existencia, me impedem de consagrar muito tempo ao empenho de pôr o remate a este trabalho.

Desgraçadamente, nem sempre encontro, nesta «flor do Oceano» todos os livros que me foram precisos; e dessa falta insupprivel se hão de resentir um tanto os artigos que escrever na Madeira. Quando, porém, mais tarde reunir os espalhados apontamentos que já tenho publicado, e vou publicando, corrigirei e amplificarei o que convier ser corrigido e amplificado.

Hia eu tractando das differentes questões relativas á nossa lingua, e havia já fallado das suas *excellencias, independencia e filiação*. Passarei agora a tratar da *herança dos vocabulos e phrases que diversas linguas lhe legaram*, e no seguinte artigo fallarei da *influencia que tem recebido das linguas modernas*, ou antes, da *lingua franceza*.

As duas obras mais importantes que temos ácerca das linguas orientaes e africanas, incluindo a arabe, *com referencia á portugueza*, são as seguintes:

Vestigios da lingua arabica em Portugal, ou *lexicon etymologico* das palavras e nomes portuguezes, que tem origem arabica, composto por ordem da Academia real das Sciencias de Lisboa por *Fr. João de Sousa* — augmentado e annotado por Fr. José de Santo Antonio Moura: 1830.

Glossario de vocabulos portuguezes derivados das linguas orientaes e africanas, excepto a arabe. Por *D. Francisco de S. Luiz*: 1835.

Começaremos, como é de rasão, pelos «vestigios da lingua arabica.»

É incontestavel que da longa dominação dos moiros nas Hispanhas resultou o ficarem nas linguas castelhana e portugueza, um grande numero de palavras arabes, *Tot puræ arabicæ voces in Hispania reperiuntur*, disse Scaligero, *ut ex illis justum Lexicon confici possit.* Foi este o motivo porque Fr. João de Sousa, socio da Academia real das Sciencias, e interprete da lingua arabica, se deu ao trabalho de fazer a interessante collecção de que nos occupamos.

Para bem entrarmos na intelligencia do espirito e intenção que presidiram a este precioso trabalho, e a fim de avaliarmos o alcance que elle tem, é mister ponderar que Fr. João de Sousa tencionava ao principio restringir-se ás palavras arabicas que correm no uso vulgar. Este modo, porém, de tratar o assumpto era deficientissimo, por isso que ficavam assim excluidos um grande numero de termos, que se encontram nas chronicas antigas deste reino, e nos documentos dos nossos archivos e cartorios; rasão porque, o nosso auctor deu maior extensão ao seu Lexicon, ajuntando até ás etymologias arabicas algumas hebraicas, persicas e de outras nações, mas só a respeito daquellas vozes que podiam ser tomadas como arabicas, e não o são effectivamente.

Já antes deste philólogo, outros etymologistas se haviam occupado, mais ou menos, deste assumpto: *Duarte Nunes de Leão*, na «origem da lingua portugueza,» *Manoel de Faria e Sousa*, na «Europa portugueza,» *Bluteau* no «Vocabulario, etc.» Mas o primeiro confundiu

muitos termos com os primitivos e originaes da nossa lingua, como por ex. *Açotea*, *Alardo*, *Alarido*, *Alçada*, *Alcatéa*, *Alcaçús*, *e outros*, verdadeiramente arabicos. O segundo nem accrescentou, nem corrigiu, mas diminuiu, pois que, tendo Duarte Nunes contado 207 nomes arabicos, Faria só conta, e sem rasão 106. Bluteau, segundo diz Fr. João de Sousa, teve pouca escolha na deducção dos vocabulos, ou porque ignorava a lingua arabica, ou porque seguiu auctores menos instruidos nella; no entanto serviu-lhe de muito, porque achou nelle muitos nomes que outros não trazem.

É Bluteau um daquelles poucos homens, a quem a posteridade não se cança de tecer elogios, e de pagar um tributo de gratidão e de verdadeira estima. Razão é esta porque aproveitamos a opportunidade que se nos offerece para, de passagem, assignalarmos o muito que deve a nação portugueza a um estrangeiro, que consagrou longos annos ao estudo da nossa lingua, e a enriqueceu com um trabalho precioso, que faria honra a qualquer Academia. Assim o reconheceram entre outros muitos, os auctores do diccionario da Academia, dizendo: «O muito, que o *infatigavel* e *erudito* Bluteou tentou fazer em beneficio da nossa lingua, de justiça deve merecer á nação portugueza não menor reconhecimento, do que a hispanhola dedica por egual motivo a D. Sebastião Covarrubias. O seu thesonro da lingua castelhana da mesma sorte, que o vocabulario portuguez e latino do sobredito Bluteau, foram os que anticiparam a ambas as nações o conhecimento da necessidade e fructo, que se dá em obras desta natureza.»

Voltemos aos «vestigios arabicos.» O auctor examina no prologo qual a rasão da origem persica que elle attribue a algumas palavras, que no seu Lexicon apresenta como taes, e depois de algumas ponderações conclue que os termos persicos vieram para a lingua portugueza, ou 1.º — immediatamente da Persia por occasião do commercio, ou 2.º — dos paizes em que ficaram reliquias dos antigos Godos, ou Scytas, como são principalmente Allemanha, Paizes Baixos, e Inglaterra, ou 3.º — dos livros facultativos.

Fr. João de Sousa faz preceder o seu Lexicon de uma explicação sobre o artigo Arabico *Al* nas palavras portuguezas. Esta voz *al*, que no arabe é um artigo, passou a ser entre nós um signal no principio dos vocabulos para distinguirmos os que são arabicos. — Palavras portuguezas arabicas se encontram, porém, sem o *l*, como por exemplo *Adail*, *Arrabil*; o que dá logar a ponderar que tambem o elemento da pronunciação deve ser tido em grande conta nos estudos ethnographicos, pois que n'este caso a lingua portugueza adoptou as palavras arabicas, taes como as pronunciavam os Arabes. Diziam elles *Aldail*, *Alrabil*, mas pronunciavam *Addail*, *Arrabil*; ao passo que escreviam e pronunciavam como nós *Almofaada*, *Almofaça*, *Almanjarra*; o que vai prender com a divisão do alfabeto arabe em letras Solares e Lunares, como póde ver-se no prologo citado. Cumpre notar que encontramos esta voz *ál*, como artigo, em Fr. Gaspar da Cruz, (*Tratado em que se contam muito por extenso as cousas da China etc.*) — passim — «Rendiam só os direitos do sal em Cantão *al* rei trezentos picos de prata.»

Nos nossos classicos encontramos esta voz *al* no sentido de *outra cousa*, abreviatura da latina *aliud*. Mor. Palm. d'Ingl. 1 — 15 — «Vendo que não podia fazer *al*, senão seguir sua ordenança;» e até em adagios antigos: «Como vires o faval, assim espera pelo *al*;» e finalmente ainda nos depoimentos das testimunhas se lê: *e al não disse (et aliud non dixit)*.

Em duas linguas tão diversas entre si, no que toca principalmente ao formal das palavras, e especial organisação de alfabetos, necessariamente havia de succeder que os portuguezes, ao adoptarem termos arabicos, augmentassem, ou diminuissem, ou trocassem lettras; e já se vê o quanto de cuidado deve haver da parte do etymologista em reparar em taes alterações, sendo que pela orthographia é que mais facilmente se póde descobrir a origem das palavras. Ha por exemplo no alfabeto arabico algumas letras de difficultosa pronunciação, gutturaes de diversas especies, que por não terem correspondentes na lingua portugueza, indispensavelmente haviam de ser suppridas por outras que pouco mais ou menos reproduzissem os mesmos sons. Deve porém notar-se que não só esta circunstancia influíu na corrupção que observamos nas vozes arabicas, adoptadas pelos portuguezes, mas sim, e talvez principalmente, o pouco conhecimento que os nossos primeiros auctores tiveram do caracter da sua lingua materna. — Fr. João de Sousa parece ter tido muito em vista estes principios, segundo concluimos das ponderações que faz a este respeito; o que muito abona em verdade o seu trabalho.

Suum cuique. Nos «Vestigios» as palavras precedidas do signal § tão adiccionadas por Fr. José de Santo Antonio Moura, e as que levam o signal † foram subministradas pelo Sr. D. Francisco de S. Luiz.

Pelas citações de auctores que se encontram nos «Vestigios:» e de que no principio se apresenta o cathalogo, vê-se que foram consultados muitos dos nossos classicos, historiadores, chronistas, e bem assim differentes Diccionarios e obras scientificas.

Passemos agora a fazer ponderações de outra ordem, que lamentamos não encontrar no prologo da importante obra de que estamos fallando.

Os profundos trabalhos dos ethnógraphos modernos teem demonstrado o partido que do conhecimento das linguas, e do seu exame comparativo, póde tirar-se em beneficio das indagações historicas e geographicas' e até das scientificas. Nesta conformidade está consagrado em ethnographia o seguinte principio, que póde ser applicavel até certo ponto á nossa hypothese: «Un philologue veut-il savoir de quel peuple telle ou telle nation a reçu sa civilisation? Il examine les mots de son vocabulaire qui expriment les animaux domestiques, les métaux, les fruits et les plantes économiques, les instruments aratoires et autres choses semblables, ceux qui désignent les idées morales et méthaphisiques, ceux qui se rapportent aux divinités, aux sacrifices, aux fêtes, aux dignités, au gouvernement, à la guerre, à la législation, au commerce, à la navigation, à la littérature et aux sciences; il les compare avec les mots correspondans dans d'autres langues, et s'ils sont identiques ou ressemblans, il en déduit que cette nation a reçu sa civilisation primitive, sa religion, son systéme politique ou sa littérature, de telle ou telle autre. (Balbi. Introd. à l'Atlas Ethnographique).

Dissémos que este principio póde ser applicavel até certo ponto á nossa hypothese, por isso que é elle concebido em tal generalidade e extensão, que não póde referir-se na sua totalidade á lingua portugueza, com referencia ao arabe, visto como o portuguez se deriva essencialmente do latim, e só recebeu da lingua arabica uma influencia muito parcial. É porém certo, que essa influencia, embora muito parcial, é caracteristica e fortemente pronunciada. Um portuguez, que se deu com grande empenho ao estudo da nossa lingua, o Doutor Constancio, forneceu a M. Balbi alguns esclarecimentos, que muito fazem ao nosso caso: « D'après le nombre et la nature des mots ara-« bes, diz elle, introduits par les Maures dans les « Dialectes du latin qu'on parlait dans la péninsule « hispanique avant l'invasion des peuples mahométans, « il est aisé de se convaincre de la grande influence « que les Arabes exercèrent sur la civilisation des na-« tions Hispano-lusitaniennes, dont l'ignorance et la « grossièreté formaient un contraste frappant avec leurs « conquérans policés, et aussi instruits dans les arts « qu'habiles dans l'administration et la guerre. En ef-« fet, la plupart des mots arabes qui sont restés in-« corporés dans l'espagnol et le portugais, désignent « des charges civiles, des emplois municipaux, des « grades militaires, ou bien appartiennent à la chi-« mie, à la botanique, à l'agriculture, aux poids et « mesures, à la mèdecine, à la navigation, aux dif-« férentes machines, aux arts et métiers. »

Muitos exemplos comprovam esta asserção; por brevidade, porém, contentar-nos-hemos com as seguintes palavras: *Almoxarife*, a qual, segundo o nosso Fr. João de Sousa, vem da palavra arabe *Almaxarraf*, e val tanto como eminente, condecorado, constituido em dignidade, honrado, etc. — *Almotacel*, do arabe *Almohtacel*, moderador dos preços dos mantimentos; curador, edil. — *Alcaide*, do arabe *Alcaide*, vem do verbo *Cáda*, capitanear, governar, puchar por um exercito, marchar na frente delle. — *Alféres*, do arabe *Alfáres*, cavalleiro. — *Arrais*, *Arráes*, do arabe, *Arraies*, o capitão de uma embarcação, ou patrão de uma lancha; vem do verbo *rasa*, que significa ser eleito por cabeça, chefe, ou governador de um povo. — *Almiranta*; nem esta palavra, nem *Almirante*, vem nos « Vesiigios. » Parece porém ser effectivamente palavra arabica, como se lê no Diccionario Castelhano, onde se diz que vem do nome arabe *amil*, ou *emir*, que significa o cabo ou capitão. — O nosso Diccionario da Academia tambem o considera assim, e cita em abono desta etymologia Barros, Severim, e Villas Boas. — *Alambique*, do arabe *Alambique*; é voz grega, com artigo al arabico. — *Almofariz*, do arabe *Almohrés*, derivado do verbo *harasa*, pizar, maxucar, esmagar — *Alqueire* do arabe *Alqueile*, derivado do verbo *cála* medir. — *Arroba* do arabe *arrobó*, derivado do verbo *rabbaá*, dividir em quatro partes. — *Almude*, do arabe *Almodde*, medida dos aridos que corresponde ao nosso alqueire, etc. etc. — *Alfandega*, do arabe *alfandaq*, que significa hospicio publico, onde os mercadores estrangeiros se aposentam com as suas mercadorias. Tambem em algumas terras do Oriente, nessas *alfandaquas* se cobram os direitos reaes, e nesta accepção se usa entre nós.

E aqui vem a proposito observar que o « Diccionario da Academia » serviu de muito a Fr. João de Sousa, para a formação dos « Vestigios », em todas as palavras que começam pela lettra A; pois que no Diccionario são indicadas com todo o cuidado as origens arabicas das vozes portuguezas, e abonadas com auctoridades competentes. Novo motivo é este para lamentar que um livro tão precioso não fosse levado ao cabo!

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

(Continúa.)

ESTRELLA SYBILLA.

197

Do mar para o centro as aguas fugiam
Deixando esplanadas as praias desertas...
Os raios da lua que alli reflectiam,
Bordavam as praias d'estrellas incertas!

O brando silencio somente o quebravam
Monotonas ondas rolando no mar,
Meus ternos suspiros que os ares levavam,
E o doce murmurio do teu respirar.

No céu de saphiras brilhava uma estrella,
Princeza formosa n'aquelle horisonte...
A luz que expedia dos seios tão bella
Com beijos de fogo beijava-te a fronte!

E eu via a meu lado teus olhos erguidos,
Poisados na linda sybilla inspirada,
Qual lendo uma sina que os seios lusidos,
Com lettras de fogo tivessem gravada.

Bem como no astro consultas a sorte,
Meu fado mesquinho nos teus olhos leio:
Sem uma esperança que só me conforte
Por estranha força com fé n'elles creio.

Mas ai, que se um dia de todo cerrados
Ousasse negar-me seu brilho formoso,
Assim que os erguesses ao céu descuidados,
Extincto encontráras farol luminoso!...

Deixa pois que eu viva teus olhos mirando,
Conhecendo em sonhos mentida ventura;
Que a placida estrella mais linda brilhando
Por entre prazeres, na sina futura
O berço te mostra que em riso mui brando
A longa distancia prende a sepultura.

1850. L. A. RIBEIRO DE SÁ.

A SUA IMAGEM.

198 Seus olhos formosos
De mago esplendor,
Nem pardos... nem verdes...
Mysterios d'amor!...
São astros brilhando
Sem fórmas, nem côr!

Os labios mais rubros,
Que o vivo coral,
Brilhando nas faces
D'alvor sem egual,
São rosas vermelhas
N'um branco rosal!

E dentro dos labios,
Dispersas diviso
As candidas folhas
D'um alvo narciso,
Aos beijos das auras
Expostas n'um riso.

Os loiros cabellos
Na fronte nevada,
São raios celestes
Da luz inspirada,
Tecendo a corôa
Que ao genio é doada!

Eis a sua imagem
Que amores inspira,
Que os carmes me arranca
Da queixosa lyra,
Onde o meu desejo
Baldado suspira!

1849. L. A. RIBEIRO DE SÁ.

BELLAS ARTES.

Com muita satisfação deparamos no *Art Journal de Londres*, publicado em Novembro ultimo, com o seguinte artigo:

As Bellas Artes em Lisboa.

199 «Como o seu jornal publicou uma breve noticia que vos mandei, ha um anno, ácerca do estado das Bellas Artes em Portugal, lembrei-me de que talvez quizesseis saber mais alguma coisa sobre o que se está agora passando em Lisboa a tal respeito.

As Bellas Artes tem, por ultimo, merecido a attenção das poucas pessoas, que alli conhecem a sua importancia, pelo muito que ellas concorrem para a civilisação de qualquer paiz illustrando-o convenientemente, como sempre acontece. Fallou-se nas Côrtes do estado da Academia das Bellas Artes de Lisboa, a respeito da qual as mesmas se declararam, reputando-a como um «*estabelecimento vergonhoso*:» é por tanto de presumir, que cedo venha a haver, como se espera, na mesma alguma reforma. Do presente estado da arte decorativa e todas as outras em Lisboa, vê-se evidentemente, que pessoa alguma competente tem desde ha muito considerado, ou attendido este objecto, mas é ao mesmo tempo certo tambem, que ainda não houvera uma occasião mais opportuna e propicia para o conseguir, do que a actual, que ElRei (sendo, como é, tambem artista distincto) ha de por certo para isso concorrer com os seus valiosos soccorros da sciencia e bom gosto, de que tanto alli se precisam.

Mr. Corden, artista, enviado alli de Inglaterra pelo Principe Alberto, com o fim de retratar Suas Magestades, desempenhou a tarefa, de que fôra incumbido, por um modo mui satisfactorio.

O Cavalheiro L. P. Menezes, cujas obras já mencionámos em nossa antecedente correspondencia, concluiu e offereceu á Rainha um dos seus melhores quadros, do qual, assim como de outros pelo mesmo auctor, se collige que elle reprova o estylo convencional e academico.

O patriotismo e disvelo, com que o Sr. Menezes tem empregado o seu talento, e meios para generalisar o gosto pelas Bellas Artes entre os seus compatriotas, faz-lhe muita honra, e tanto mais quanto isso deve reputar-se ardua empresa, se attendermos á falta de interesse que ha alli por todas as materias que ás mesmas dizem respeito; não obstante isto, esperamos que muito se poderá conseguir, ainda quando pelos esforços e energia de um unico homem. — Confiemos portanto no futuro.

H. B. K.

NOTICIAS E COMMERCIO.

A SEMANA.

Com a maior satisfação noticiamos a boa nova litteraria, de que o nosso amigo e antigo collaborador, o Sr. Silva Tullio, está encarregado da redacção da *Semana*. Este jornal, em taes mãos, ha de forçosamente ser de muita gloria para o jornalismo portuguez.

Eis aqui o annuncio que se inclue no Prospecto, que o Sr. Silva Tullio acaba de publicar:

200 *Sairá em Janeiro, no mesmo formato, mas com 12 paginas cada numero semanal, ornado de* GRAVURAS *e* ILLUSTRAÇÕES. *Edição elegante da* IMPRENSA NACIONAL.

Assigna-se na loja do Sr. Lavado, Rua Augusta num. 8, — *e no Escriptorio do Jornal* — Rua de S. Francisco num. 54, ao Chiado — *para onde se deve diri-*

gir toda a correspondencia, — sendo administrativa, ao empresario JORGE AUGUSTO DE SOUSA.

Preços da assignatura:

ANNO	1800
SEMESTRE	960
TRIMESTRE	480
AVULSO OU PAGO Á ENTREGA	40

NECROLOGIO.

201 A terra cobriu hoje, para todo o sempre!.. os restos mortaes de um antigo collaborador deste Jornal.

Ayres Pinto de Sousa Balsemão era um fidalgo de boa linhagem: estudára as sciencias militares, e serviu na arma de cavallaria, até ao fim da guerra da successão em 1834.

Depois entregou-se aos estudos historicos, para que sempre mostrára grande vocação. Foi collaborador de varios jornaes litterarios, e do diario politico, a *Nação*.

Padeceu longa e acerbamente de uma tysica pulmonar, da qual falleceu antehontem 23 do corrente, apenas com 46 annos de edade.

O amor e enthusiasmo, com que fallava e escrevia das passadas glorias de Portugal, me tinham affeiçoado singularmente a este cavalheiro. Assistindo ao seu funeral, cumpri o derradeiro dever da amisade, e a obrigação impreterivel, de prestar a devida homenagem aos poucos cultores das lettras, que nesta terra se estão esfalfando em vão! E tambem nos foi grato vêr, como os partidistas da realesa, observam escrupulosamente as boas praticas de nossos maiores em taes actos.

O corpo foi levado de casa até ao cemiterio de S. João, nos braços dos seus amigos, e parciaes politicos, que em grande e qualificado numero o íam acompanhando a pé.

Depois das orações da egreja, perto da cova, e antes de se fechar o caixão, todos os assistentes aspergiram o cadaver, dando-lhe o ultimo *vale*, orvalhado com a agua santa, que o rito christão poz, tão significativamente, á entrada da casa de Deus.

Não cuidem que tenho já o pulso aberto de fazer censuras. Já agora não sairei deste trilho, em quanto andar pelos desfiladeiros da imprensa. Mas a que vamos fazer, admitte, confessamo-lo, desculpas mui plausiveis.

Ayres Pinto foi collaborador *officioso* de muitos jornaes litterarios desta capital, e ao seu enterro não assistiu nenhum dos litteratos a quem elle tanto se comprazia de coadjuvar! Tambem lá não vimos o redactor da REVISTA UNIVERSAL — mas esse sabemos, podemos dar testimunho, que uma commissão de serviço publico, em que tão activa parte tem tomado, o impossibilitava de poder estar á hora aprasada para o funeral. Collaborador de um jornal politico, Ayres Pinto, merecia que os representantes da imprensa periodica honrassem tambem o acto do seu enterramento.

Seja-lhe porém propicia a justiça de Deus — que a injustiça dos homens já elle não soffrerá mais!

A. DA SILVA TULLIO.

DESGRAÇA DOS PESCADORES.

202 Tem-se repetido as tristes scenas dos pescadores, sem trabalho, e morrendo de fome, virem para Lisboa implorar a caridade publica. Temos uma commissão nomeada pelo Sr. Governador Civil, e outra que instituiu por seu proprio e louvavel arbitrio: a ambas, e ao Governo, repetimos o que já duas vezes escrevemos.

FABRICAS NO PORTO.

203 Consta por uma judiciosa carta, publicada em o *Nacional* do Porto de 20 do corrente — que a fabrica de fiação de Vizella, que tanto deve ao seu intelligente e zeloso administrador e caixa o Sr. Antonio José Cabral, augmenta consideravelmeute a sua laboração, e já dá trabalho a 300 operarios. A fabrica do Sr. Jacintho da Silva Pereira acaba de ser montada com uma machina. Na fabrica Phenix de Lisboa vimos esta semana duas machinas de vapor, que se estão acabando para irem para o Porto. A antiga e importante fundição do Bicalho vae ser estabelecida por meio de uma associação. Sentimos não ter conhecimento dos seus estatutos, para devidamente avaliar um pensamento, que, do fundo do coração, aplaudimos, e qne, sendo applicado com proveito, póde vantajosamente acelerar o movimento industrial que se manifesta no paiz.

THEATRO DE S. CARLOS.

204 Victor Hugo está vingado: no theatro onde lhe assassinaram o Hernani, fizeram-lhe a apotheose da Esmeralda. — As questões do Theatro de S. Carlos são hoje mais do que as questões politicas: convém ao theatro, convêm ao publico, que todas se dêem por acabadas. Uma de dignidade e importante para a imprensa foi honrosamente ventilada nas columnas dos jornaes politicos. — Houvesse ou não motivo para ella, concordamos no que se sustentou ácerca das relações que existem entre os jornaes e os theatros, e já ha muito applicámos esses principios. Sobre a doutrina havemos de escrever brevemente algumas linhas: mas por ora fallemos da nova dança. A *Esmeralda* é uma dança nova e linda e que merece ser vista e applaudida. O Sr. Libonati foi muito feliz na sua estrêa. Poucas vezes em S. Carlos se tem visto uma dança tão bem ensaiada. A Esmeralda não tem gloria de papelão, nem fogo do Sr. Osti, e estas faltas talvez sejam lamentadas pelos sectarios do Salomão do Rocio. A Esmeralda tem acção dramatica e desenvolvida sem enfado, bailados graciosos e pitorescos, passos *coquetes* e arrogantes, e vistas pintadas por aquelles pinceis sempre frescos e originaes, que deram aos nomes de Rambois e Cinati um credito que nunca hade esquecer. A Sr.ª Monticeli so-

bresahiu primorosamente nesta dança, mormente no primeiro acto. O seu methodo de dança foi na Esmeralda composto de muitos passos difficeis executados com muita firmeza. Foram bem merecidos os applausos que a saudaram.

Não deve esquecer a Sr.ª Moreno, nem o Sr. Gabrieli, que foram perfeitamente no desempenho dos seus papeis, e tambem justamente applaudidos.

Dezejamos que a empreza aproveite o provado merecimento do Sr. Libonati, para que mais vezes o publico possa apreciar com louvor os seus bem dirigidos trabalhos.

O TELEGRAPHO ELECTRICO.

205 O *Courrier de la Gironde* publica as seguintes particularidades sobre os ensaios do telegrapho electrico de Bordeus a Verdun. Fizeram-se a 18 do passado. As estações de communicação eram duas, uma nas officinas de M. Colombier junto da praça Richelieu, outra no edificio da eschóla de desenho.

Á 1 hora da tarde, apesar da chuva que cahia em torrentes, acompanhada de vento intoleravel, electrisou-se o fio conductor, pondo-se em communicação os dois pontos extremos: o mais feliz exito coroou esta tentativa. Effectuou-se a transmissão com incrivel rapidez, e as perguntas e respostas seguiram-se com intervallos menores do que é necessario para escreve-las.

Grande numero de pessoas assistia a estas interessantes experiencias nos dois postos preparatorios. Muitas propozeram differentes perguntas, recebendo sempre da outra estação respostas instantaneas, excedendo a velocidade da transmissão quanto se podia imaginar. O transtorno da atmosphera não influiu sobre o apparelho qne funccionou sem interrupção e regularmente por espaço de uma hora. Tem por tanto o Telegrapho electrico, sobre todos os meios de communicação de avisos que até agora se empregam, a immensa vantagem de poder trabalhar com pasmosa prestesa independente de nevoas ou vento, e tanto em meio das trevas como á claridade do sol.

Diremos agora brevemente como se effectua a transmissão, limitando-nos a indicar os factos principaes, sem entrar nas particularidades scientificas.

Em cada uma das estações de que fallámos, e onde prendem os dois extremos do fio electrico ha duas mezas em cima das quaes se veem dois quadrantes ou mostradores, um collocado vertical e outro horisontalmente.

O primeiro destes quadrantes tem vinte e quatro divisões, cada uma das quaes corresponde a uma lettra do alphabeto; e uma porção de subdivisões marcadas com cifras. Este quadrante tem no meio um ponteiro que se move com a mão como se queira. Um fio delgado de aço põe em communicação esta agulha indicadora com uma pilha electrica collocada debaixo da mesa: esta pilha electrisa o fio que vae ligar-se ao grande fio conductor que fórma a linha telegraphica. Quando se quer transmittir uma pergunta, move-se o ponteiro em redor do quadrante, fazendo que alternativamente se detenha em cada uma das lettras que compõem as palavras da pergunta. Se por exemplo se pergunta *que horas são*, faz-se passear a agulha indicadora sobre as lettras *q*, *u*, *e*, *h*, *o*, *r*, *a*, *s*, etc., até á completa composição da phrase. Á medida que cada uma destas lettras é designada no quadrante, a corrente electrica a indica em o mesmo momento no outro extremo do fio conductor em seu quadrante horisontal, onde outro ponteiro repete em egual alphabeto as mesmas palavras.

Deste modo apenas se fez a pergunta — *que horas são?* a outra estação reproduziu-a no quadrante horisontal; e o respectivo empregado respondeu logo *são duas*, palavras que instantaneamente se leram no quadrante da estação opposta.

Sobre o fio conductor está collocado um electrometro, por meio do qual se póde medir a força da corrente electrica na sua marcha, assim como vêr se a conserva até á sua chegada.

Deste modo se calcula com muita exactidão a velocidade que perde pelas tortuosidades do caminho que percorre.

Um sabio mui celebre calculou a rapidez da faisca electrica: resulta de seus calculos, que a Academia das Sciencias de Paris achou exactos, que a electricidade percorre noventa mil leguas n'um segundo. De maneira que se fosse possivel rodear o globo terrestre com um fio conductor, a corrente electrica faria n'um segundo dez vezes a volta da terra, não tendo esta mais do que nove mil leguas de circumferencia.

No espaço de Bordeus a Verdun, que é de 22 leguas, a transmissão se fará com tanta rapidez como se falla.

CURIOSAS NOTICIAS DO EGYPTO.

De Suez escrevem na data de 8 de Outubro ultimo, ao jornal francez a *Semaine*, o seguinte:

206 «Quando passei por Malta chegaram-me ás mãos alguns jornaes de Frankfort do mez de Agosto, e o *Constitutionel*, de París, do mesmo mez, e nelles achei alguns artigos sobre o Egypto e seu actual governo, que não me fizeram conceber favoravel idéa da região celebre e interessante que ía percorrer pela segunda vez, e que na minha primeira estada me admirára por seu movimento e adiantamentos. Quiz o acaso que um artigo datado de Alexandria a 14 de Agosto, inserto no *Osservatore Triestino*, viesse desvanecer as minhas apprehensões, e despertar na minha idéa a mais fagueira perspectiva do Egypto e do seu sabio governo.

«Com esta bella illusão chegava eu a Alexandria no meado de Setembro, mas um relance de olhos pela enseada começou a desenganar-me; em vez das doze magnificas náus que víra na minha primeira visita, e da numerosa marinha, tanto de guerra como mercante, assim indigena, como européa, achei uma só náu armada, e oito ou nove acantonadas na doca, em deploravel abandono, como destinadas, pelo que depois me constou, para servirem de combustivel á guarnição do arsenal, destino que já tiveram duas. A marinha mercante na sua inactividade mostra a quasi paralisação do commercio.

«Curioso, como cumpre que seja o viajante, quiz examinar o arsenal, a eschola e gabinete de nautica, que foram creações do celebre Mehemet-Ali, quiz saudar as muralhas do palacio que habitou esse homem notavel; mas perdi o meu tempo; o arsenal estava deserto, as officinas fechadas; a eschola de navegação extincta, e constando-me o estado de abandono e deterioração em que jazia o seu museu e observatorio, renunciei os desejos de visita-los, bem como o palacio, agora fechado e despido de todos os moveis e objectos que serviram a seu illustre fundador, coisas que eu esperava vêr conservadas com religioso escrupulo.

Afóra estes objectos modernos, hoje votados ao esquecimento, a famosa columna de Pompeo, os antigos e tantas vezes descriptos obeliscos que a voz publica ateima em denominar agulhas de Cleopatra, dos quaes (dil-o-hei de passagem) apenas vi um e a cuspide do segundo que em parte deixaram soterrado sob a nova muralha da caldeira do porto, Alexandria nada offerece que mereça a attenção do investigador. Assim que a deixei para transportar-me á capital egypcia, tendo observado antes a carencia de movimento nos seus bazares, e ouvido os lamentos dos mercadôres e traficantes pela estagnação do commercio, embarquei n'um dos vinte vapôres que ha no rio (e não 30 como diz o mal informado articulista do *Osservatore Triestino*), dos quaes tão sómente seis estão destinados ao serviço dos passageiros e mercancias da India. Estes vapôres, onde se pagam preços excessivos, estão bem longe de serem tão commodos e bellos como os pinta o citado jornal; todavia é verdade que o serviço é regular, porque o governo conservou os mesmos empregados européus que tinha a companhia ingleza que dirigia antes a empreza do transito; mas, tambem é certo que ás vezes, para forrarem gastos, mettem nos barcos dobrado numero de passageiros do que comporta a lotação delles, ficando muitos dos viajantes sem logar debaixo da coberta, nem mesmo á meza.

« O Nilo estava magnifico, era a épocha do seu maior crescimento, que neste anno chegou a 22 cubitos geometricos. É um panorama delicioso o aspecto desta terra de promissão quando o rio innunda as margens. Trinta horas foram bastantes para aportarmos ao desembarcadouro no Cairo, e cumprimentar, ainda de bastante distancia, as suas pyramides.

« As antigualhas e curiosidades desta capital são de sobejo conhecidas, o que me dispensa de as descrever. Diligenciei vêr obras modernas para comparar, em relação á minha anterior viagem, os melhoramentos e progressos tão papagueados na Europa. Effectivamente, vi de longe o sumptuoso palacio que o vice-rei construiu extramuros nas areias do deserto: não obtive entrada porque não é permittida aos profanos, ou descrentes, como appellidam os christãos; e muito mais porque o pachá fazia observar mui rigorosa quarentena, não obstante haver cessado inteiramente o flagello da cholera. Vi a disposição dos palacios de segunda ordem que o vice-rei manda construir em redor do seu, destinados aos seus principaes funccionarios: não pude deixar de notar a falta absoluta de agua potavel naquelles sitios, e a necessidade da plantação de alguns milheiros de arvores que naquelle clima e situação seriam de incalculavel proveito. Isto digo para que se avalie quanto é exacta a noticia do já citado *Osservatore*, que encarece a plantação de oito milhões d'arvores no Egypto! Ao contrario tem diminuido o numero das que existiam: as muitas e preciosas que compunham o jardim botanico, que se podia reputar magnifico, foram deitadas ao chão como desnecessarias!

« Fingindo-me pintor, pude penetrar no palacio que o vice-rei edificou na cidade, e que actualmente estão adornando; é immensamente vasto, mas sem gosto algum na architectura e na distribuição; o mais notavel, e ainda assim pela extensão, é a sala das audiencias, illuminada por mais de mil placas destinadas a velas de cera; a mobilia é de grande luxo, e não custará ao bachá menos de meio milhão de pesos duros.

« Não pude vêr o magnifico jardim do arrabalde, na residencia do antigo vice-rei, e que era o recreio dos europeus do Cairo, porque depois da morte de Mehemet ficou vedada a entrada; nem tão pouco pude visitar as escholas polytechnica e de astronomia etc., cujos professores conhecia, porque foram dissolvidas e desorgauisadas completamente, conservando-se apenas uma onde se ensinam as linguas orientaes e o alcorão, e um simulachro da eschola de medicina. Não sei donde collige o *Observador* austriaco que daquelle instituto poderá diffundir-se no paiz, dentro de poucos annos, a sciencia e a pratica arrasoada da agricultura.

« Procurei informar-me do numero e entidade das novas estradas e canaes, e soube que as primeiras limitam-se a alguns centos de toesas de caminho vulgar praticado nas avenidas dos novos palacios para commodidade de seu dono; e os segundos ao projecto de um canal, que ainda não passou de projecto, e á forçosa limpeza de alguns que existem. Muito convinha para o bem da agricultura e do commercio que o bachá actual não desprezasse, como tem feito até agora, a continuação dos tres grandes canaes destinados á rega do Egypto Inferior, por meio da colossal obra da barra do Nilo, sem o que não sómente será perdido o fructo dos immensos dispendios de sua construcção, mas até cada vez mais se prejudicará a navegação do rio e a obra da nova barra.

« Não sendo o meu objecto resenhar todas as inexactidões do articulista, a que me refiro, passo-as por alto como insignificantes; até a da famosa guarda de cavallaria, que apenas monta a 400 homens, e que elle faz subir a oito mil homens, e pagos mensalmente, coisa de que não ha exemplo no Egypto. O que me indignou mais é o rasgo de adulação, ou de refinada ironia, em que se affirma que o vice-rei do Egypto, é o unico personagem de sua familia bem educado. Tal asserção é calumniosa para os principes que deveriam, quando a edade ou as occasiões lh'o permittissem subir ao poder; e um engano para os sinceros leitores.

« Quanto pude alcançar pelas poucas pessoas que estão em contacto com o vice-rei, não é este absolutamente falho de certa instrucção e de perspicacia natural; mas é falso que seja o unico instruido de entre os membros de sua familia, porque os outros seis principes foram educados nas escholas de Paris, onde um delles se fez notavel no estudo das mathematicas,

e todos se dedicaram aos differentes ramos de economia politica. Os tres restantes, bem como o reinante, receberam a sua educação no Egypto, mas não obstante a sua maioridade continuam a pagar a professores que os aperfeiçoem, e dão provas de conhecimentos não vulgares; dois delles na agricultura, commercio, e industria, e o terceiro na marinha, de que já fôra nomeado almirante. Todos, menos o actual bachá, sabem perfeitamente a lingua franceza, e são de trato polido e affavel.

NECROLOGIO.

207 Sendo uma verdade incontroversa que, depois de Deus, devêmos, á educação, tudo quanto somos, é, egualmente certo, que a falta della, faz a nossa maior desgraça; parece por tanto, justo, ou para melhor dizer pagaremos uma divida de gratidão, consagrando estas breves linhas á memoria de uma senhora, que dedicou grande parte da sua vida á educação da mocidade.

A Ex.ma Sr.ª D. Joanna da Camara, filha dos Ex.mos Condes da Ribeira Grande, D. Luiz da Camara, e D. Francisco Telles, nasceu em Lisboa a 5 de Novembro de 1791.

Desde a mais tenra edade mostrou o grande talento de que era dotada, fazendo rapidos progressos em seus estudos. Conhecia perfeitamente, as linguas latina, franceza e ingleza, e nestas duas ultimas, escrevia com a maior facilidade e correcção; tambem não lhe foram estranhas as musas, porém a sua modestia não permittiu, que publicasse as suas producções poeticas, e só a furto, poderam ser vistas por poucas pessoas de mais intima amizade.

Aos vinte annos, na primavera da vida, na chamada estação dos prazeres, já era indifferente, para a Sr.ª D. Joanna, tudo aquillo que não tinha relação directa com as coisas do Céu.

Depois dos trinta annos, foi chamada, por Deus, para fazer parte da illustre corporação das Religiosas Sallesias, e effectivamente, professou, no Convento da Vizitação de Lisboa, aos 23 de Janeiro de 1829 (*).

Conhecida, pelas superioras, a grande disposição que tinha a Sr.ª D. Joanna para ensinar, e educar, lhe confiaram a direcção do pensionado, onde por muitos annos, se empregou no ensino e educação das meninas com o maior zelo, e acerto, que póde imaginar-se. A este respeito invoco o testimunho de muitas meninas (hoje senhoras) que foram educadas pela Sr.ª D. Joanna, e, estou certo, que, não só, hão de confirmar o que digo, mas, que dirão, ainda mais.

Conhecidas pela communidade, a virtude, o juiso prudencial, e todas as qualidades da Sr.ª D. Joanna da Camara, a elegeram superiora do convento, sendo, por este motivo, obrigada a deixar a direcção do pensionado. Como superiora, foi, para suas religiosas, uma verdadeira mãe, do que é bastante prova a sua reeleição n'este cargo, que exerceu por seis annos.

Tendo soffrido muito, na saude, em quasi toda a sua vida sobreveio-lhe finalmente, uma dolorosissima doença, em que a paciencia desta santa foi provada por mais de um anno, succumbindo, a um immenso padecer, no dia 21 do corrente (festa da Apresentação de N. Sr.ª) pelas 5 horas da tarde.

Segundo as constituições das religiosas sallesias, é destinado este dia, para a renovação dos seus votos sendo esta ceremonia precedida pela Santa Communhão: a Sr.ª D. Joanna cumpriu ainda este dever, commungando devotamente e renovando com o maior ardor os votos da sua profissão religiosa, o que teve logar pela manhã, e na tarde do mesmo dia, voou aquella alma, a gosar no céu, o premio de tanta virtude praticada na terra.

Os seus parentes, a sua communidade, as suas discipulas, e quem teve a ventura de conhecer esta Sr.ª, lamentam e choram a sua falta.

Requiescat in pace.

M. DE P.

(*) A Ordem da Visitação de Santa Maria, fundada pelo grande S. Francisco de Salles (e que por este motivo as suas religiosas se chamam Sallesias), estabeleceu-se em Lisboa, no reinado da Sr.ª D. Maria I, vindo de Annecy as religiosas fundadoras.

Uma das condições exigidas pelo Governo de Portugal para esta fundação (condição acceita pelas religiosas) foi a obrigação de ensinarem meninas, o que tem cumprido sempre com grande utilidade das educandas, como é notorio.

Mas em breve, teremos o desgosto de vêr acabar este (o melhor) collegio de educação, porque as religiosas vão morrendo, poucas restam já, e não se permitte a profissão a muitas Sr.as que a pertendiam, e que tantos serviços poderiam prestar ao paiz, ensinando e educando.

Sem entrarmos na grande questão, relativa aos votos religiosos, diremos sómente, que será uma desgraça acabar este convento. Em Hespanha onde tambem são prohibidas as profissões religiosas, fez o governo daquelle paiz, uma excepção em favor das Sallesias, permittindo que professem certo numero de noviças em cada um dos conventos desta ordem.

NOVA FABRICA.

208 Finalmente foi arrematada a fabrica d'Alemquer.

Consta-nos que vae ser convertida em fabrica de papel, por systema moderno.

O fabricante da Abelheira terá em fim um competidor, e poderemos ter papel melhor, e mais barato do que ao presente se está fabricando.

BIBLIOGRAPHIA.

209 COMPENDIO DE MORAL, por *M. F. A. Tavares.* Vende-se na rua Augusta n.º 8.

BIBLIOGRAPHIA HISTORICA PORTUGUEZA, por *Jorge Cesar de Figaniere.*

Acha-se concluida a impressão da primeira parte desta obra. Preço da assignatura 425, calculado a 50 réis por cada duas folhas de 8 pag. Edição nitida e compacta em 8.º francez.

Subscreve-se por toda a obra, que não excederá de 400 pag., em Lisboa, no escriptorio da REVISTA, rua dos Fanqueiros n.° 82, e nas lojas dos srs. João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.° 8, e Antonio Maria Pereira, na mesma rua n.° 188.

As pessoas residentes nas provincias podem assignar por meio de carta, franca de porte, dirigida ao dito João Paulo Martins Lavado, declarando que expediente preferem para a prompta remessa das folhas já impressas, e das que se forem publicando, logo que tenham mandado satisfazer antecipadamente a sua importancia.

A INDUSTRIA NACIONAL

E A

EXPOSIÇÃO DE 1849.

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DA INDUSTRIA PORTUGUEZA

POR

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

1 VOL. EM 8.°

COMPREHENDE:

Descripção e juizo critico sobre a Exposição de 1849.

Noticia das principaes fabricas do reino.

Estatistica das fabricas portuguezas, comparada em varias épochas.

Consideração sobre as pautas, incluindo um estudo especial ácerca das nossas relações commerciaes com a Hispanha.

Relações da Industria portugueza com o commercio externo.

Estudos varios de economia agricola e de economia fabril.

Deve ser publicada mui brevemente, e desde já se recebem assignaturas para serem pagas no acto da entrega do volume, por 480 réis. Em Lisboa e no Porto será o volume entregue em casa do assignante.

Em Lisboa, as assignaturas recebem-se no Escriptorio da REVISTA, rua dos Fanqueiros n.° 82, e na loja do Sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e no Porto na Typographia Commercial,—e das provincias—por meio de carta, sem ser franca de porte, dirigida ao administrador da REVISTA UNIVERSAL. — Poderá não haver venda avulsa. — Roga-se ás pessoas, que desejarem assignar, o favor de assim o fazerem constar antes de 20 de Janeiro proximo.

ALMANAK

DA

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE

PARA 1851.

VENDE-SE no Escriptorio da REVISTA UNIVERSAL, rua dos Fanqueiros n.° 82, e nas lojas do costume. — Preço para os assignantes da REVISTA 80 réis. — Avulso 120 réis.